



Editorial

Recentes relatórios de organismos multilaterais confirmam o progressivo aumento da participação feminina nas migrações internacionais. Para designar essa realidade, fala-se com insistência em “feminização das migrações” visando destacar tanto as mudanças quantitativas, quanto as transformações do perfil da mulher migrante no contexto contemporâneo.

Algumas observações e dúvidas brotam dessa nova realidade. Em primeiro lugar, numa ótica de direitos humanos, fica aberta a interrogação sobre até que ponto o aumento quantitativo e as mudanças qualitativas da migração feminina contribuem para um efetivo processo de reconhecida dignidade e *empowerment* da mulher. A heterogeneidade e a complexidade dos movimentos populacionais contemporâneos dificultam uma resposta unívoca e definitiva a esta questão. Mesmo assim, enquanto espaço de mudança, acredita-se que a migração contenha potencialidades e exprima processos que são marcas de não retorno e que atingem, não somente os temas do feminismo, como também as questões da família e da sociedade em geral, no que diz respeito a sua busca por vida e sua luta pelos direitos humanos. Desta maneira, atrás da maciça migração feminina, vê-se o anseio por novas oportunidades, novos rumos, novos caminhos de libertação e realização para todos os povos.

Por outro lado, o concomitante crescimento das migrações forçadas, seja em termos de refugiados e deslocados, seja em termos de tráfico de pessoas para fins de trabalho escravo ou exploração sexual, aponta para realidades de desumanização da mulher, novas formas de submissão e exploração que impelem atitudes cada vez mais firmes e contundentes,

tanto dos órgãos governamentais responsáveis, quanto da sociedade civil. À pesquisa e ao estudo interdisciplinar compete não somente o envolvimento qualitativo e a força da argumentação madura subsidiando processos promissores, mas também a tarefa da participação ao desafio, porque os fluxos de migrações internacionais de mulheres e de homens descortinam a história da humanidade, na parte mais dura que ela pode tentar esconder e também na onda mais forte, que pode fazê-la passar para metas ousadas.

Outro tema levantado pelo debate contemporâneo – ao qual o presente volume da REMHU quer dar seu aporte – é a, ainda incipiente, abordagem de gênero no conhecimento e na análise da mobilidade humana. No passado, os focos analíticos menosprezaram e, às vezes, silenciaram a contribuição feminina por falhas nos critérios analíticos ou, simplesmente, por sexismo. Uma limitada compreensão da mulher enquanto sujeito histórico de transformação, com suas especificidades em relação ao varão, aparece entre as causas principais dessa limitação. Nesse sentido, a abordagem de gênero é uma das novas contribuições da visão dos movimentos populacionais, para além das limitadas e imediatas reações de certas políticas de “portas fechadas”, de recente desenvolvimento.

Emerge que o tratamento do tema da feminização das migrações tem diretamente a ver com a adoção de critérios de leitura e interpretação dos processos históricos das sociedades implicadas. Até mesmo o reconhecimento da feminização como aspecto da realidade contemporânea da mobilidade humana está relacionado com a visão que Estados e estudiosos (as) adotam em relação às migrações e ao refúgio. Sem dicotomias radicais nem adoção de perspectivas parciais pelo todo, a REMHU participa do debate, fomentando a multiplicação de pontos de vista e de metodologias para a abordagem.

Faz-se necessário recuperar a interdisciplinaridade das abordagens, de modo a focar tanto os aspectos estruturais do fato migratório, quanto as dimensões mais subjetivas, relacionais e pessoais. Ao valorizar a subjetividade, será possível, talvez, perscrutar o “jeito feminino de migrar”, ou seja, reconstruir aqueles fatores que, de fato, caracterizam o ato migratório feminino na contemporaneidade, sobretudo no que diz respeito às motivações e estratégias de interação com as novas realidades do percurso migratório. Assim, além dos números estatísticos e das análises estruturais, será possível recuperar a narrativa, a história de vida da mulher migrante, descobrir sua subjetividade, suas migrações interiores rumo à sua realização humana e das pessoas pelas quais ela se pôs, e até se mantém, em caminho.